



**MULHERES COMUNISTAS NA BAHIA: CONTRIBUIÇÕES PARA A  
FUNDAÇÃO DA FEDERAÇÃO DE MULHERES DO BRASIL E PARA  
O MOVIMENTO PELA PAZ**

Iracélli da Cruz Alves<sup>1</sup>

**Resumo**

Em 1949 foi criada a Federação de Mulheres do Brasil (FMB), cuja finalidade era unificar e nacionalizar o movimento feminino no Brasil. A organização mantinha estreita relação com o Partido Comunista do Brasil, atualmente denominado Partido Comunista Brasileiro (PCB). O artigo se propõe a descrever parte desse movimento, além de discutir a atuação feminina no movimento pacifista idealizado e dirigido pelos comunistas. Na década de 1950 a *Luta pela Paz Mundial* foi uma das principais linhas de ação do PCB. As mulheres atuaram de maneira significativa nessa campanha. No entanto, a maior parte dos trabalhos historiográficos sobre o PCB invisibilizam e/ou secundarizam a atuação feminina e o seu impacto na vida orgânica do partido. Nesse sentido, busca-se recuperar uma parte da história das mulheres comunistas, tomando como parâmetro sua atuação na Bahia.

**Palavras-chave:** Luta pela Paz. Bahia. Federação de Mulheres do Brasil. Partido Comunista do Brasil.

De 22 a 24 de abril de 1949 ocorreu, em Salvador, a *1ª Convenção Municipal da Bahia Pró-Paz*, cujo objetivo foi discutir os problemas de interesse da mulher. O evento foi convocado por associações femininas baianas e contou com o apoio de diversos grupos, a exemplo da *Associação das Donas de Casa*, da *União Democrática Feminina*, da *Associação Unificadora dos Professores Primários*, entre outras. A comissão organizadora foi composta por: Consuelo da Silva Dantas, Luiza Martins Souza, D. Gracilda Magalhães de Almeida Couto, Wandy Barbosa, Alice Gonzales e

---

<sup>1</sup> Doutoranda em História pela Universidade Federal Fluminense. E-mail: iracelli\_alves@yahoo.com.br

Helena Almeida<sup>2</sup> Para presidentes de honra, a comissão convidou Otávio mangabeira, então governador do Estado, e Wanderley Pinho, o prefeito de Salvador à época<sup>3</sup>. A realização da Convenção e a quantidade de grupos que ela reuniu são indícios de que em Salvador havia uma luta feminina minimamente organizada.

O jornal *O Momento*, periódico ligado ao Partido Comunista do Brasil – atualmente denominado Partido Comunista Brasileiro (PCB) – deu ampla cobertura ao evento, noticiando, geralmente em primeira página, seus preparativos e sua realização. De acordo com o periódico, a convenção foi a primeira manifestação pública feminina na Bahia contra a guerra<sup>4</sup>. O jornal se referia a uma suposta terceira guerra mundial que os indivíduos do contexto acreditavam ser possível.

Em fins da década de 1940 foi deflagrada a chamada Guerra Fria, marcada pela disputa político-ideológica e militar entre as duas grandes potências daquele contexto – Estados Unidos e União Soviética. A disputa alterou significativamente as bases das relações internacionais. Naquele cenário, o mundo passou a acreditar na possibilidade de uma nova guerra mundial. As armas nucleares intensificaram ainda mais o temor de um conflito internacional, especialmente devido à impossibilidade de calcular suas proporções<sup>5</sup>. Sob o perigo iminente, militantes comunistas de várias partes do mundo lançaram-se num *Movimento pela Paz*. Realizaram diversas campanhas de natureza pacifista em todo o mundo. No Brasil, os militantes comunistas sob a orientação do PCB atuaram ativamente no movimento. Muitas mulheres engrossaram suas fileiras e se agruparam em organizações específicas, lutando tanto pela paz mundial quanto pela conquista de direitos negados ao gênero feminino. Consideravam que naquela conjuntura as mulheres das camadas populares eram as mais aviltadas. Nesse sentido, se engajaram mais fortemente na luta em defesa dos direitos das mulheres operárias e camponesas, seguindo a linha do ideário pecebista.

Na Bahia, a *1ª Convenção Municipal da Bahia Pró-Paz* é um exemplo de mobilização feminina organizada por mulheres empenhadas no movimento pacifista. O evento só foi divulgado pelo periódico *O Momento*. Os jornais baianos de grande

---

<sup>2</sup> A COMISSÃO Feminina Pró-Paz dirige-se às mulheres baianas. *O Momento*, Salvador, p. 2, 19 mar. 1949; INSTALA-SE terça-feira a Convenção Feminina. *O Momento*, Salvador, p. 1, 20 de mar. 1949; INSTALA-SE, hoje, a Convenção Feminina. *O Momento*, Salvador, p. 1, 22 mar. 1949.

<sup>3</sup> Id.

<sup>4</sup> AS MULHERES baianas defendem a paz. *O Momento*, Salvador, p. 4, 16 mar. 1949; O POVO baiano luta pela paz. *O Momento*, Salvador, p. 1, 19 mar. 1949.

<sup>5</sup> RIBEIRO, Jayme Fernandes. *Combatentes da Paz: os comunistas brasileiros e as campanhas pacifistas dos anos 1950*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2011, p. 20-24

circulação sequer mencionaram em nota, provavelmente porque o movimento pró-paz era protagonizado por comunistas. Grande parte dos jornais brasileiros não comunistas denunciava o *Movimento pela Paz* como sendo parte integrante de um suposto plano soviético que teria por finalidade espalhar o comunismo por todo o mundo. Não é demais lembrar que a imagem do comunismo em países ocidentais era coberta por invólucro negativo<sup>6</sup>. Geralmente, os comunistas eram vistos como “inimigos da pátria”, destruidores da moral, dos “bons costumes” e da família.

Para atrair público desejado à convenção, as mulheres fizeram a sua divulgação de casa em casa e através das páginas do periódico *O Momento*, “apelando no sentido de que grande número de mulheres compareça a Convenção, dando-lhe prestígio, possibilitando-lhe, assim, pleno êxito”<sup>7</sup>. Também destacaram, provavelmente para atrair um público amplo, que no evento não haveria nenhuma distinção “no tocante à credos políticos, crenças religiosas ou a preconceitos raciais, visando a melhor união de todas as mulheres baianas em torno da discussão de seus problemas”<sup>8</sup>. Havia preocupação em debater “não só os problemas relacionados com a defesa da paz e das liberdades democráticas, mas também problemas específicos da grande massa feminina, os quais estão todos ligados entre si”<sup>9</sup>.

No dia 22 de março a convenção foi iniciada. A oradora oficial da seção de instalação foi a professora Consuelo Dantas. Foram debatidas questões relacionadas à luta das mulheres, especialmente das operárias, além de outros problemas enfrentados pelas camadas populares.

Aborda, por exemplo, problemas concernentes à crise de habitação, às condições de vida da mulher do campo, à carestia da vida, à luta por melhores salários que o temário assinala é a grande reivindicação das operárias, comerciárias, professoras, funcionárias, etc. E não somente a isso. O temário alude ainda aos problemas dos transportes, a situação dos bairros, a problemas como o da tuberculose, o da proteção à criança, etc. Na parte referente aos aspectos políticos, trata da luta da mulher pela igualdade de direitos, da defesa de nossa soberania política e econômica e, finalmente, da paz, onde o temário diz a certa altura: “cabe as mulheres o principal papel na luta pela defesa da paz, na qualidade de mães, filhas, noivas e esposas”<sup>10</sup>.

O conteúdo demonstra que as mulheres, apesar de reivindicarem a ampliação de direitos, incorporaram o discurso hegemônico acerca da feminilidade, demarcando

<sup>6</sup> Id.

<sup>7</sup> INSTALA-SE, hoje, a Convenção Feminina. *O Momento*, Salvador, p. 1, 22 mar. 1949.

<sup>8</sup> Id.

<sup>9</sup> INSTALA-SE, a 22, a Convenção Feminina. *O Momento*, Salvador, p. 1, 17 mar. 1949.

<sup>10</sup> INSTALA-SE, hoje, a Convenção Feminina. *O Momento*, Salvador, p. 1, 22 mar. 1949.

e naturalizando papéis femininos construídos socialmente. Tal apropriação é compreensível quando se considera o contexto de sua formulação, em que eram fortes as ideologias que determinava que o lar era o lugar social eminentemente feminino e que as mulheres eram naturalmente dóceis, por isso, fundamentais na luta pela paz. Ademais, é possível pensar que os discursos publicados nos jornais tinham uma intenção tácita. Para atrair um público feminino mais amplo, talvez fosse necessário reafirmar os valores de feminilidade compartilhados. No mesmo contexto, outras fontes, a exemplo da literatura, indicam que entre as mulheres pecebistas circulavam ideias contestadoras do ideal hegemônico de feminilidade<sup>11</sup>. Mas ainda não é possível precisar em que medida essas ideias mais radicais circulavam entre elas, nem como eram recebidas pela maior parte das comunistas.

A última cerimônia da convenção ocorreu no dia 24 de março. “No discurso de encerramento foi erguido o veemente protesto das mulheres contra as tentativas de se lançar o mundo numa terceira carnificina mundial que atingiria antes, e acima de tudo, as mulheres”<sup>12</sup>. Segundo *O Momento*, os trabalhos da convenção foram exitosos, já que as mulheres baianas puderam discutir seus problemas mais angustiantes e pensar maneiras de solucioná-los. Algumas expuseram suas demandas mais específicas, a exemplo de D. Gracilda Magalhães, representante da *Sociedade das Donas de Casa*, que discorreu “sobre os problemas sociais e domésticos”<sup>13</sup>. A delegada das mulheres da Roça do Lobo, Cremilda Mendes, por sua vez, pautou a “falta de escola e de chafarizes em seu bairro”<sup>14</sup>. Já Alaíde Alves de Moraes, “falou sobre os inúmeros problemas das mulheres do pilar, e várias outras oradoras, todas entusiasticamente aplaudidas”<sup>15</sup>.

Como alternativa para tentar solucionar os problemas mais sentidos pelas baianas das camadas populares, foi proposta a criação de uma comissão que reunisse todas as associações femininas da Bahia, destinada a criar a Federação das Mulheres Baianas. A nova organização “trabalharia pela solução dos problemas das mulheres da Bahia”<sup>16</sup>.

---

<sup>11</sup> O aprofundamento deste debate foge da alçada deste texto. Entre as mulheres que reivindicaram outros modelos de relações entre os gêneros e reclamaram mais liberdades sexuais para as mulheres estão: Alina Leite Paim (1919-2011) e Jacinta Passos Amado (1914-1971). Para mais informações consultar: ALVES, I. C. *A política no Feminino: uma história das mulheres no Partido Comunista do Brasil – seção Bahia (1942-1949)*. 2015. 238 f. Dissertação (Mestrado em História) – Departamento de Humanas e Filosofia, Universidade Estadual de Feira de Santana. Feira de Santana, 2015.

<sup>12</sup> FEDERAÇÃO das Mulheres Baianas. *O Momento*, Salvador, p. 1, 25 mar. 1949.

<sup>13</sup> Id.

<sup>14</sup> Id.

<sup>15</sup> Id.

<sup>16</sup> Id.

A 1ª Convenção Municipal da Bahia Pró-Paz foi realizada como parte de um projeto político feminista de caráter nacional<sup>17</sup>. Dias antes de sua realização, as mulheres cariocas realizaram um evento semelhante, a 1ª Convenção Feminina do Distrito Federal, realizada de 08 a 10 de março, no qual debateram os seguintes temas: a defesa da paz, os direitos da mulher, da maternidade e da infância e a luta contra o alto custo de vida<sup>18</sup>. As mulheres do Distrito Federal pretendiam

[...] reunir pessoas e organizações cujas atividades estão direta ou indiretamente ligadas ao trabalho feminino, proporcionando um amplo estudo e debate de todas as questões de interesse da mulher que se apresenta nos seus diferentes aspectos. Concorrerá assim para melhor compreensão da necessidade de unificar esforços e trabalho no sentido de lutar para que os problemas da mulher e da criança do Distrito Federal sejam encarados com mais justeza.<sup>19</sup>

Após o evento foi lançada a “Proclamação da Primeira Convenção Feminina a todas as Mulheres”. O documento, assinado por Maria Portugal Milward, presidenta da 1ª Convenção Feminina do Distrito Federal, enfatizou:

A 1ª Convenção Feminina do Distrito Federal, na qual a mulher carioca, sem distinção de credo, classe ou cor, teve oportunidade para debater os seus problemas mais sentidos, exprimir seus pensamentos, defender suas ideias e reivindicações, foi realmente magnífica expressão do trabalho construtivo feminino. [...] As vossas necessidades, os vossos anseios, as vossas angústias, são iguais ou semelhantes aos nossos e por este motivo, como sentimento mais alto de brasilidade, enviamos a todas – irmãs do Norte, do Centro e do Sul – as nossas saudações afetivas, o nosso pensamento solidário, nosso abraço fraterno. Desejamos que em dia próximo, possamos nos reunir todas para, num intercâmbio de experiências, unificar nossas ideias em defesa de todos os nossos direitos e nossos princípios.<sup>20</sup>

A pretendida reunião, cuja finalidade era “unificar as ideias” em defesa dos direitos femininos, ocorreu de 23 a 25 de maio de 1949 – A Conferência Nacional de Mulheres. O evento começou a ser preparado a partir de 1946, quando foi fundado o Instituto Feminino de Serviço Construtivo. O Instituto foi fundado para servir de

<sup>17</sup> De acordo com Margareth Rago, feminismo deve ser entendido em sentido amplo. Não se restringe aos movimentos organizados que se autodenominam feministas. Se referem também às práticas sociais, culturais, políticas e linguísticas que atuam com o objetivo de liberar as mulheres de uma cultura misógina e da imposição de um modo de ser construído pela lógica masculina nos marcos da heterossexualidade. RAGO, Margareth. *A aventura de contar-se: feminismos*, escrita de si e invenções de subjetividade. Campinas: UNICAMP, 2013, p. 28.

<sup>18</sup> 1ª CONVENÇÃO Feminina do Distrito Federal. *O Momento*, Salvador, p. 3, 06 mar. 1949.

<sup>19</sup> CONVENÇÃO Feminina do Distrito Federal. *Momento Feminino*, Rio de Janeiro, p. 3, mar. 1949.

<sup>20</sup> PROCLAMAÇÃO da Primeira Convenção Feminina a todas as mulheres. *O Momento*, Salvador, p. 4, 13 abr. 1949.

ponto de ligação entre as associações femininas do Rio de Janeiro e os demais Estados brasileiros e para organizar um congresso do qual sairia “a grande Federação das Mulheres Brasileiras”<sup>21</sup>.

Zuleika Alambert, que naquela conjuntura era militante ativa do PCB, advertiu que o congresso representaria um passo importante “na luta em que se empenha o povo, para varrer a miséria de nossa pátria, para expulsar de milhões de lares a fome, a tuberculose e o analfabetismo, para garantir um futuro de paz e liberdade para o nosso povo”<sup>22</sup>. A comunista destacou que o evento lançaria as bases “para o desenvolvimento das organizações femininas em nosso país, para a unidade de milhares de mães, esposas, filhas e irmãs, em defesa dos direitos e das mais profundas aspirações das mulheres brasileiras”<sup>23</sup>.

Mulheres de várias partes do país trabalharam na construção da Conferência Nacional de Mulheres que teve como resultado mais imediato a fundação da Federação de Mulheres do Brasil. Como destacou Zuleika Alambert, antes da realização da conferência nacional, vários congressos femininos foram realizados em vários Estados: São Paulo, Rio de Janeiro, Pernambuco, Bahia, Ceará, Rio Grande do Sul e Minas Gerais. Nas conferências estaduais, “delegadas dos bairros e das fábricas, das repartições públicas e das profissões liberais demonstraram que existem um grande número de reivindicações comuns a população feminina do Brasil”<sup>24</sup>. Na Bahia, como demonstrado, realizou-se uma convenção para discutir os problemas inerentes às mulheres baianas. No evento foi elaborado um relatório, que foi apresentado na conferência nacional<sup>25</sup>.

Na *Conferência Nacional de Mulheres* discutiu-se os problemas femininos em geral, sem perder a dimensão das especificidades regionais, que foram debatidas a partir dos relatórios estaduais. O relatório apresentado pelas mulheres da Bahia “fala dos salários baixos, na vida cara, nas 12 organizações femininas ali existentes e que não estão ainda ao nível da realidade baiana”<sup>26</sup>. Além destas questões, destacou que a mortalidade infantil na Bahia atingia “proporções alarmantes, e nos 150 municípios existe um número reduzidíssimo de escolas”<sup>27</sup>. Mencionou o problema dos latifúndios e o regime do “vale” que deixava a classe trabalhadora em perpétua dívida.

<sup>21</sup> AS MULHERES organizadas a serviço da humanidade. *Momento Feminino*, Rio de Janeiro, p. 4, 08 Ago. 1947.

<sup>22</sup> ALAMBERT, Zuleika. Um congresso de Mulheres pela paz e bem-estar. *O Momento*, Salvador, p. 5, 20 mai. 1949.

<sup>23</sup> Id.

<sup>24</sup> Id.

<sup>25</sup> DELEGADAS da Bahia ao Congresso Feminino. *O Momento*, Salvador, p. 1, 23 abr. 1949.

<sup>26</sup> Id.

<sup>27</sup> Id.

Paralelamente, denunciou a falta de saneamento básico, a deficiência de maternidades e o alto índice do analfabetismo feminino no estado.

Em São Salvador, apenas 30% das casas estão ligadas às redes de esgoto. Só há uma maternidade para atender uma população de 400.000 habitantes. Em 2 milhões de habitantes de todo Estado, apenas 234.000 mulheres sabem ler. A taxa de analfabetismo é de 75%. O salário mínimo é de Cr\$ 12,00 diários na indústria urbana e Cr\$ 9,60 no interior.<sup>28</sup>

Além dos relatórios apresentados pela Bahia, foram analisados os documentos de outros Estados como Ceará, Rio de Janeiro, Amazonas, Espírito Santo, Minas Gerais, Paraná, Rio Grande do Sul, Rio Grande do Norte e São Paulo. A partir deles constatou-se que as mulheres das mais variadas regiões do país atravessavam problemas comuns: alto do custo de vida, falta de escolas, saúde precária, salários baixíssimos, transportes precários, mortalidade infantil, falta de assistência à saúde, falta de independência econômica, entre outros<sup>29</sup>. Diante do quadro, o *Congresso Nacional de Mulheres* adotou algumas resoluções, a partir de três pontos principais, quais sejam, direitos da mulher, infância e juventude e alto custo de vida. No que diz respeito ao primeiro ponto foram deliberadas as seguintes atribuições:

- 1) Envidar esforços pela aplicação em todo o país do dispositivo: "A trabalho igual, salário igual".
- 2) Impedir na legislação que sejam dispensadas do trabalho as mulheres que contraíam matrimônio ou mesmo noivado, sem justa causa.
- 3) Conjuguar esforços para um amplo movimento nacional no sentido da modificação do Código Civil no que se refere aos direitos da mulher.
- 4) Pugnar pela maior participação da mulher nos cargos legislativos e administrativos do país.
- 5) Organizar, para maior facilidade de garantir segura assistência aos filhos dos operários, bem como de todas as mulheres que trabalham, uma grande campanha nacional para a criação de lactários, creches, escolas maternas, etc., em todos os estados, procurando levar realmente essa assistência a zona rural.
- 6) Trabalhar para obter uma legislação que fixe direitos e deveres para as domésticas bem como para os patrões.
- 7) Providenciar a organização de uma comissão que encaminhe os trabalhos da Conferência Latino Americana, que será realizada em Cuba, sob a responsabilidade que também foi atribuída ao Brasil por ocasião do II Congresso Internacional de Mulheres.
- 8) Lutar para que as organizações Femininas de todo o Brasil sejam os arautos do bem estar nacional, da defesa da paz Mundial, para a felicidade de todos os lares.<sup>30</sup>

Sobre o segundo eixo temático, infância e juventude, deliberou-se a criação de um organismo feminino nacional que construísse um programa para a formação de uma secretaria "destinada a estudar séria e profundamente os problemas dos jovens

<sup>28</sup> NOSSO Congresso. *Momento Feminino*, Rio de Janeiro, p. 3, 30 jun. 1949.

<sup>29</sup> Id.

<sup>30</sup> RESOLUÇÕES. *Momento Feminino*, Rio de Janeiro, p. 4, 30 jun. 1949.



e das crianças brasileiras, empregando esforços para a realização de um plano de trabalho em conjunto com as associações estaduais e municipais"<sup>31</sup>. No que diz respeito ao custo de vida constatou-se que:

[...] se agrava cada vez mais, em toda parte, a situação de fome e miséria do povo e, conseqüentemente, que é cada vez mais penosa a situação da mulher brasileira. Viva ela no norte ou no sul, no bairro, na empresa ou na escola, seus problemas são sempre os mesmos: salários baixos, vida cara, falta de escolas, falta de creches, falta de hospitais e maternidades. [...] Os debates da conferência ressaltaram ainda que, apesar da situação de inferioridade social em que ainda se encontram as mulheres brasileiras, como cidadã, mãe e esposa, consequência do atraso, dos preconceitos e da falta de liberdade em que vivemos, elas começam a despertar para uma participação mais ativa na solução dos problemas do povo.<sup>32</sup>

O debate ocorrido na conferência evidencia os problemas que as mulheres julgavam mais urgentes naquele contexto, quais sejam, carestia de vida, salários baixos, educação precária, falta de creches, hospitais e maternidades e exploração das empregadas domésticas, já que este tipo de trabalho ainda não era regulamentado. Os problemas levantados na conferência eram sentidos de maneira mais aguda pelas camadas populares. Salientou-se que as mulheres deveriam combater o estado de inferiorização social no qual se encontravam. Para que esses problemas fossem solucionados, considerou-se que seria fundamental a construção de um movimento feminino forte e unificado. A *Conferência Nacional de Mulheres* e a fundação da FMB foram realizadas justamente para criar os meios de cumprir essa finalidade. Pretendia-se reunir mulheres dos mais variados grupos femininos espalhados pelas diversas regiões do país. Apesar de se almejar apartidária, as mulheres do PCB desempenharam um papel relevante na Federação de Mulheres do Brasil.

É importante frisar que organização foi criada em um contexto em que o PCB passava por problemas políticos. A partir de 1946, passada a euforia democrática de 1945, o autoritarismo e a ofensiva anticomunista foram retomados no Brasil. Esse movimento tem relação com o início da chamada Guerra-Fria. Diante do novo quadro, o partido investiu numa linha radical, orientada para a derrubada do governo<sup>33</sup>. Segundo Moisés Vinhas, provavelmente, o que impediu o desaparecimento

---

<sup>31</sup> Id.

<sup>32</sup> Id.

<sup>33</sup> SENA JUNIOR, Carlos Zacarias. *Os impasses da estratégia: os comunistas, o antifascismo e a revolução burguesa no Brasil. 1936-1948*. São Paulo: Annablume, 2009, p. 281; RIBEIRO, Jayme Fernandes. *Combatentes da Paz: os comunistas brasileiros e as campanhas pacifistas dos anos 1950*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2011, p. 61-65.



do PCB como força política efetiva nesse período foi o seu protagonismo nas campanhas pela paz, contra a bomba atômica e, principalmente, nas atividades desenvolvidas em defesa do monopólio estatal do petróleo e da construção da Petrobrás<sup>34</sup>.

Ao que parece, as mulheres atuaram de maneira expressiva nessas campanhas<sup>35</sup>. A participação feminina era incentivada pelo partido, em decorrência da concepção de que a suposta sensibilidade feminina e o imaginado instinto materno seriam essenciais para o encaminhamento das campanhas pela paz<sup>36</sup>. Os “partidários da paz” defendiam que na luta pacifista as mulheres eram um ingrediente essencial, não necessariamente para dirigir o movimento mas para executá-lo. Movidos pela ideologia da docilidade natural feminina, acreditava-se que elas seriam capazes de exercer a paz com mais habilidade que o sexo oposto.

Em que pese a expressiva atuação feminina, nota-se que a historiografia sobre o PCB não deu a atenção necessária ao fato, chegando, muitas vezes, a invisibilizar a atuação das mulheres. Por vezes, as avaliações sobre a força política e a inserção social do partido não tomam como parâmetro o trabalho desenvolvido pelos “quadros femininos” que, inclusive, sentiram a mão pesada do Estado<sup>37</sup>.

Na década de 1950 a FMB realizou alguns encontros regionais e nacionais e participou de eventos internacionais, visando discutir tanto a importância da paz mundial quanto os seus problemas específicos, sem necessariamente dissociá-los. Além dos eventos, atuaram em outras frentes de luta, como no movimento contra a carestia, na luta por moradia, no movimento em defesa do petróleo, na luta contra a bomba atômica, etc. A organização sofreu com algumas investidas do governo,

<sup>34</sup> VINHAS, Moisés. *O Partidão: A luta por um partido de massas*. São Paulo: Hucitec, 1982, p. 96.

<sup>35</sup> FORMAÇÃO de uma grande frente feminina pela paz no Brasil. *Imprensa Popular*, Rio de Janeiro, p. 2, 03 jan. 1951; PELA paz contra a carestia: realizada ontem a III Convenção feminina do Distrito Federal. *Imprensa Popular*, Rio de Janeiro, p. 1, 26 jul. 1951; A LUTA mundial das mulheres pela paz. *Imprensa Popular*, Rio de Janeiro, p. 2, 25 mai. 1952; AS MULHERES brasileiras intensificam a coleta de assinaturas ao apelo por um pacto de paz entre as cinco grandes potências. *Momento Feminino*, Rio de Janeiro, p. 4, jan. 1952; É PRECISO defender nossas jazidas de petróleo, nacionalizar a sua distribuição, atualmente nas mãos de empresas norte-americanas. *Momento Feminino*, Rio de Janeiro, p. 12, mar. 1954; entre outras.

<sup>36</sup> RIBEIRO, op. cit., p. 62-89.

<sup>37</sup> Esta constatação foi possível após as leituras dos seguintes trabalhos: RIBEIRO, Jayme Fernandes. *Combatentes da Paz: os comunistas brasileiros e as campanhas pacifistas dos anos 1950*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2011; SENA JUNIOR, Carlos Zacarias. *Os impasses da estratégia: os comunistas, o antifascismo e a revolução burguesa no Brasil. 1936-1948*. São Paulo: Annablume, 2009; MAZZEU, Antônio Carlos; LAGO, Maria Isabel. (Orgs.). *Corações vermelhos: os comunistas brasileiros no século XX*. São Paulo: Cortez, 2003; MAZZEU, Antônio Carlos. *Sinfonia inacabada: a política dos comunistas no Brasil*. Marília/São Paulo: Unesp/Boitempo, 1999. Os autores realizaram pesquisas de suma importância para a compreensão da história do PCB, mas não avaliaram como, efetivamente, a atuação das mulheres contribuiu para a vida orgânica do partido.

inclusive foi posta na ilegalidade em alguns períodos<sup>38</sup>. Os ataques anticomunistas eram constantes e as mulheres pecebistas sentiram o peso da repressão. “As mulheres, dentro de suas organizações femininas, veem dificultado seu trabalho, suas sócias perseguidas e presas, o direito de reunião e organização constantemente ameaçado”<sup>39</sup>. Ainda que, à época, fosse forte a ideologia da fragilidade feminina, em termos de repressão, a polícia igualava os gêneros, desconsiderando totalmente que as mulheres constituam o “sexo frágil”.

O movimento feminino incomodou a ordem e o Estado costumava não perdoar os perturbadores, independentemente de sexo. Em Curitiba “medidas arbitrárias do Chefe de Polícia” chegou a proibir a realização de conferências nas associações femininas do Paraná<sup>40</sup>. Ademais, muitas militantes foram presas, a exemplo de Alice Padilha, presa no Rio de Janeiro quando distribuía exemplares do *Momento Feminino* na porta de uma fábrica, e Maria Aparecida Rodrigues, presa em Tupã, interior de São Paulo, quando participava de uma reunião em defesa da paz<sup>41</sup>. Em São Paulo, outras foram presas e agredidas, seja quando convidavam mulheres a participarem das comemorações do Dia Internacional da Mulher, seja quando saíam as ruas na campanha pela coleta de assinaturas contra a bomba atômica<sup>42</sup>. Outras pagaram com a própria vida, como ocorreu com Zélia Magalhães, assassinada no Rio de Janeiro e com a gaúcha Angelina Gonçalves, assassinada no Rio Grande do Sul, ao participar de uma manifestação pública em comemoração ao 1º de Maio<sup>43</sup>.

Como foi demonstrado ao longo do texto, muitas mulheres participaram ativamente da vida política do PCB, enfrentando a força repressiva do Estado. No entanto, ainda é gritante o silenciamento e/ou a secundarização da atuação das militantes. Geralmente, a história do movimento feminino nos partidos ou grupos

---

<sup>38</sup> PROTESTA contra ameaças a federação de Mulheres. *Imprensa Popular*, Rio de Janeiro, p. 1, 22 jan. 1957; JK não quis receber a federação de Mulheres. *Imprensa Popular*, Rio de Janeiro, p. 1, 24 jan. 1957; PROVOCAÇÕES policiais contra a Federação de Mulheres do Brasil. *Imprensa Popular*, Rio de Janeiro, p. 3, 19 fev. 1957; FECHADAS a Federação de Mulheres do Brasil e a Associação Feminina: consideradas pelo governo como entidade subversiva. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, p. 15, 24 jan. 1957; DECRETOS assinados pelo chefe de governo (fechamento da FMB). *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, p. 13, 24 jan. 1957.

<sup>39</sup> O CONSELHO de Representantes da FMB apoia o Apelo de Estocolmo. *Momento Feminino*, Rio de Janeiro, p. 4-5, 15 jul. 1950.

<sup>40</sup> AS MULHERES de Paraná vencem o Mandato de Segurança. *Momento Feminino*, Rio de Janeiro, p. 5, 17 mar. 1950; UMA TARDE com Maria Aparecida Rodrigues. *Momento Feminino*, Rio de Janeiro, p. 3, 02 mai. 1950.

<sup>41</sup> MAIS uma arbitrariedade policial. *Momento Feminino*, Rio de Janeiro, p. 2, 31 jan. 1950.

<sup>42</sup> ADEMAR DE BARROS espanca mulheres em São Paulo, *Momento Feminino*, Rio de Janeiro, p. 3, 17 mar. 1950; VIOLÊNCIAS policiais em São Paulo. *Momento Feminino*, Rio de Janeiro, p. 2, 18 ago. 1950.

<sup>43</sup> ZÉLIA, nossa Heroína. *Momento Feminino*, Rio de Janeiro, p. 4, 31 dez. 1949; MONTENEGRO, Ana. Novos Mártires. *Momento Feminino*, Rio de Janeiro, p. 3, 18 mai. 1950.

políticos é secundarizada e apresentada apenas como um elemento complementar de uma “política ampla”. Os marcos temporais estabelecidos não consideram os impactos da militância feminina e/ou feminista nas estruturas formais da política. Nesse sentido, é fundamental a construção de categorias de análise que considerem as experiências vividas por mulheres<sup>44</sup>. Os indícios apontam que é preciso (re) escrever a história do PCB levando em consideração, também, as experiências das mulheres. Aqui, foram mencionados apenas alguns elementos que evidenciam a forte presença de mulheres no PCB e a relevância de suas atividades, mas, certamente, novas histórias poderão ser contadas...

---

<sup>44</sup> MIGUEL, Luis Felipe; BIROLI, Flávia. *Teoria Política Feminista: textos centrais*. Vinhedo: Horizonte, 2013, p. 19.